

CULTURA E MEMÓRIA: ELEMENTOS DE CONSTRUÇÃO SÍMBÓLICA DAS MANIFESTAÇÕES FESTIVAS

Paula Piva Linke¹
Sílvia Helena Zanirato²

RESUMO: Este artigo buscou analisar a relação entre os conceitos de cultura e memória, objetivando salientar como as manifestações festivas se apropriam destes conceitos construindo, assim, uma tradição. A Congada da Lapa é exemplo da relação entre tais elementos, pois, através desta celebração, a comunidade lapeana busca manter viva parte de sua história e cultura. Ambos se modificam em função do contexto social em que estão inseridos, assim como a própria celebração, que está sujeita às perspectivas culturais dos sujeitos que a encenam. A Congada é uma manifestação de origem escrava que marca a presença negra no Paraná. Esta encenação, em particular, consiste em uma disputa simbólica entre dois reinos, o reino do Congo (católico) e o reino de Angola (pagão). A embaixada enviada pela rainha Ginga (Nzinga) de Angola causa tumulto no reino do Congo

1 Especialista em História e Sociedade pela Universidade Estadual de Maringá – UEM; Especialista em Moda, Gestão e Comunicação pelo Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Mestranda do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: paulapivalinke@gmail.com

2 Pós-Doutora em Geografia Política pela Universidade de São Paulo – USP; Pós-Doutora em História pela Universidad de Sevilla; Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP; Especialista em Gestão do Patrimônio Cultural Integrado pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Docente do Curso de Gestão Ambiental da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - USP. E-mail: shzanirato@hotmail.com; shzanirato@usp.br

e, após alguns embates armados, o Rei do Congo perdoa o embaixador angolano, que se converte à fé cristã e se torna devoto de São Benedito. Tal celebração mescla elementos católicos e pagãos em louvor a São Benedito. A Congada é um exemplo da relação entre cultura e memória, ela representa a tentativa de uma comunidade em manter viva uma tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Festa; Memória.

CULTURE AND MEMORY: THE SYMBOLIC CONSTRUCTION OF FESTIVE MANIFESTATIONS

ABSTRACT: The relationship between the concepts of culture and memory is provided, highlighting the manner that festive events appropriate these concepts through the establishment of tradition. The Lapa *Congada* is an instance of the relationship between these elements since, through this celebration, the community of Lapa PR Brazil keeps alive its history and culture. Both are modified due to the social contest in which they are inserted. The celebration itself is subjected to the cultural perspectives of the subjects who enact it. The *Congada* is a cultural manifestation hailing from the slavery period and marks the presence of the Negro in the state of Parana. This scenario consists of a symbolic struggle between two kingdoms, the Catholic kingdom of the Congo and the pagan kingdom of Angola. The embassy sent by Queen Nzinga from Angola causes disorders in the kingdom of the Congo. Armed clashes ensue but the king

of the Congo kingdom forgives the Angolan ambassador who converts to Christianity and becomes a devotee of St. Benedict. The celebration combines Catholic and pagan elements in honor of St. Benedict. The *Congada* is an example of the relationship between culture and memory and represents the community's attempt to keep alive a tradition.

KEYWORDS: Culture; Celebration; Memory.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho busco compreender as relações entre cultura, patrimônio e memória para entender o processo de conservação das tradições. Neste caso a cultura é tratada como um processo dinâmico, que agrega valores e se modifica com o passar do tempo. A memória é vista como uma ferramenta que mantém viva a tradição, ela é transmitida às próximas gerações e ao restante da comunidade para que novas pessoas assumam a responsabilidade de continuar a encenar o rito.

Tais conceitos auxiliam na compreensão da Celebração em homenagem a São Benedito, a Congada da Lapa. Tal encenação é um misto entre a cultura portuguesa, africana e a religião católica, elementos culturais distintos que se agrupam dando origem a uma festa cujas raízes vêm dos escravos do século XVIII e XIX. Tal manifestação consiste em uma disputa simbólica entre dois reinos, o reino do Congo (católico) e o reino de Angola (pagão). A embaixada enviada pela rainha Ginga (Nzinga) de Angola causa tumulto no reino do Congo e, após alguns embates armados, o Rei do Congo perdoa o embaixador angolano, que se converte à fé cristã e se torna devoto de São Benedito.

O estudo das manifestações populares permite compreender novas formas de ver e pensar a cultura, pois elas representam mais do que

simplesmente uma expressão local, mas também as formas de pensar e sentir de um povo e o modo como esses modos se transformam no decorrer do tempo.

Desta forma, a Congada da Lapa é um exemplo da relação entre cultura, memória e patrimônio, ou seja, ela representa a tentativa de uma comunidade em manter viva uma tradição.

2 CULTURA, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA

A história, que antes compreendia a cultura como a expressão da elite culta, que via as manifestações populares como pouco interessantes para os estudos, porque menores em relação à elite ou mesmo expressões alienadas, passou a ser um objeto de interesse dos historiadores. Com isso, novos sujeitos puderam ter suas histórias também contempladas pelos estudos históricos. Ampliaram-se os sujeitos, as fontes, os temas e os acontecimentos dignos de serem estudados. Com isso a memória histórica se ampliou e os estudos se renovaram. Penso, então, que os temas cultura, patrimônio e memória precisam ser compreendidos a partir de sua relação com as práticas culturais.

A nova história cultural tornou-se importante devido à expansão dos objetos de estudo, dentre eles podemos citar a cultura letrada, popular, sistemas educacionais, representações, práticas discursivas, entre outras. Deste modo, no século XX, a história cultural assume um novo papel, volta-se para a cultura popular, valorizando as práticas cotidianas, juntamente com os indivíduos anônimos, ampliando o foco de estudo. Sendo assim, a cultura é vista como uma forma de expressão única, com características peculiares transmitidas de geração em geração. A partir deste contexto, podemos entender cultura segundo duas concepções, “a

primeira remete a todos os aspectos de uma realidade social, a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo”. (SANTOS 1994, p. 23).

Portanto, pode-se entender o universo cultural como uma forma de organização social, no qual estão inscritos uma série de códigos que quando associados coletivamente dão origem a uma manifestação cultural e social. Geertz (1978) faz referência à sociedade como um elemento em constante mutação e evolução, onde a cultura se origina da relação entre o caráter social e psicológico de cada ser humano, em que o todo e o individual se completam e criam uma simbologia única, interpretada e vivenciada pelo homem de seu tempo.

Deste modo, notamos que a cultura pode assumir diversas facetas, dependendo do momento histórico em que se encontra; cada nação possui a sua cultura, com características particulares. Mesmo assim é possível notar certas semelhanças entre tais culturas, visto que sociedades diferentes podem partilhar experiências semelhantes, que se manifestam através de alguns traços culturais. Consequentemente compreender as diferenças e semelhanças que ocorrem dentro do universo cultural é uma preocupação constante do historiador, que deve olhar para este universo igualmente, preocupando-se em compreender os costumes que regem tal cultura.

O universo cultural também pode ser explorado através das práticas e representações que o compõem. Através da interpretação das práticas e representações, pode-se ver a cultura como um processo comunicativo e não somente como a totalidade dos bens culturais produzidos pelo homem. A cultura é comunicada a cada indivíduo que a interpreta de acordo com a sua concepção individual. Há, portanto, aqueles que produzem e divulgam a cultura, ou seja, a chamada indústria cultural, os sistemas educativos,

a imprensa, os meios de comunicação, as organizações socioculturais e religiosas. (CHARTIER, 1988).

Dentro desta concepção de indústria cultural o receptor tem um papel fundamental, pois é através dele que a cultura se difunde e ganha significado. É através da história construída pelo sujeito anônimo que o todo se constitui e passa a ser integrado à vida cotidiana, fazendo parte das convenções sociais. É através destas convenções que surge uma identidade cultural, que se expressa de diversas maneiras, seja no comportamento, nas festas, na fala, nas tradições e outras formas de manifestação cultural. Uma das maneiras de manter viva esta identidade é preservar os símbolos destas práticas culturais, sejam eles monumentos de pedra e cal ou manifestações culturais, patrimônio material ou imaterial

Neste sentido preservar o patrimônio também é uma forma de preservar as raízes de uma cultura. O termo patrimônio possui uma fundamentação ideológica bastante ampla, ele abrange a concepção de proteção nos seus mais variados sentidos, bem como o ideal de preservação e registro de práticas culturais.

O patrimônio está ligado à concepção de identidade nacional, representa as transformações culturais, ideológicas e sociais pelas quais passam os habitantes de uma cidade, região ou país. De acordo com Gonçalves (2002, p. 32): “o patrimônio é concebido com uma expressão da identidade nacional em sua integridade e continuidade. Ao mesmo tempo o patrimônio é concebido, numa relação metonímica, como sendo a própria realidade que ele expressa”.

Podemos perceber que preservar o patrimônio edificado é um modo de expressar o poder e a riqueza da nação, bem como preservar o conceito de uma arte puramente nacional, reafirmando valores estéticos de um determinado período. Ocorre, então, um processo de construção da

identidade nacional através dos ideais de patrimônios, que expressam a cultura, e o modo de viver e pensar de uma nação.

Através do processo de apropriação e preservação dos bens culturais, a identidade nacional vai se reafirmando e, aos poucos, ocorre a valorização da cultura popular, ou seja, a cultura do cotidiano, que também passa a ser integrada junto ao patrimônio cultural. Essa integração ocorre devido à busca e preservação por saberes exóticos e peculiares ou de antiguidade. Neste sentido a preservação dos bens materiais, patrimônio cultural tangível ou material, casas, museus, obras de arte e outros monumentos, e a preservação do patrimônio cultural imaterial, festas, tradições populares, saberes e modos de fazer expressam valores culturais e bens como uma identidade cultural (GONÇALVES, 2002). Neste sentido o ato de preservar está ligado ao passado histórico do objeto ou prática cultural. Gonçalves (2002, p. 25) afirma que “é o distanciamento dos objetos no tempo que os transforma em objeto de desejo; objeto autêntico que merecem ser buscados e resgatados como parte representativa de um patrimônio cultural ou de uma tradição”.

O patrimônio imaterial, práticas e saberes, são transmitidos de geração em geração e constantemente recriados pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

O patrimônio cultural possui uma abrangência bastante ampla, se divide em bens tangíveis e intangíveis. Os bens tangíveis são os moveis e imóveis, monumentos e objetos de arte. Os bens intangíveis se compõem de lugares, festas, religiões, música, dança, ou seja, referem-se às mais variadas formas de manifestações culturais.

Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento

dos bens listados nesse patrimônio. A proposta é no sentido de registrar essas praticas e representações e de fazer um acompanhamento para verificar sua permanência e suas transformações (ABREU; CHAGAS, 2003, p. 24).

Deste modo, não só a cultura erudita, mas também a cultura popular se inserem dentro dos ideais e das políticas do patrimônio, ocorre uma valorização dos bens imateriais, o que leva a uma abrangência da política de valorização dos bens de pedra e cal. A preocupação com a preservação e manutenção dos monumentos históricos é uma preocupação que vem de longa data, de acordo com Abreu e Chagas (2003, p. 47):

Sob a revolução Francesa, o conceito de patrimônio nacional irrompeu para responder a urgência de salvar da rapinagem e da destruição os imóveis e as obras de arte, antes pertencentes ao clero e à nobreza que foram transformados em propriedade do Estado. Apoiada no saber dos eruditos e na vontade daqueles que mesmo não sendo aristocratas, não queriam ver tais riquezas e obras de artes destruídas, a noção de patrimônio nacional nasceu de um embate de forças, apelando a um sentimento nacional e atendendo a uma conveniência econômica. Ao longo do século XIX, os países europeus organizaram estruturas governamentais e privadas voltadas para a seleção, salvaguarda e a conservação de seus patrimônios nacionais, até então compostos essencialmente de objetos de arte e edificações estritamente relacionadas à concepção de monumento histórico, aos ideais renascentistas de arte e beleza, e aos conceitos de grandeza e excepcionalidade. Esses patrimônios eram, ao mesmo tempo, riquezas das nações e a representação de seu gênio e história.

A partir do século XX, o patrimônio começa a ganhar ênfase entre as discussões que ocorrem na Europa: era preciso preservar os monumentos, casas de campo, palacetes, palácios, obras de arte e uma série de objetos que

faziam parte da vida da nobreza europeia, que agora estava desaparecendo. Sendo assim, cada país começa suas políticas de preservação e restauração do patrimônio, procurando valorizar as riquezas culturais presentes em suas obras.

No Brasil, em 1937 foi criado o Sphan (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Logo que foi criado o Sphan ficou sob a custódia de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Sua política consistia na valorização do patrimônio de pedra e cal, valorizando principalmente a cultura erudita e os monumentos de cunho europeu. A partir da década de 1970 Aloísio Magalhães assume o Sphan. Sua política se difere da de Rodrigo, pois Aloísio busca a valorização da cultura popular, das expressões e saberes cotidianos (GONÇALVES, 2002).

A partir do momento em que se inicia uma política de valorização da cultura popular, também se inicia um processo de preservação da memória oral, da tradição cultural passada da geração a geração. Sendo assim, preservar monumentos, obras de arte, saberes e manifestações populares é uma maneira de registrar a memória coletiva da sociedade.

Segundo Halbwachs (1990), a memória pode dividir-se em duas possibilidades: a memória individual e a memória coletiva. Ambas relacionam-se e interferem-se entre si. A memória individual seria aquela que toda pessoa possui, que faz referência ao que ela viveu ao longo de sua vida, ou seja, faz referência às lembranças individuais. Já a memória coletiva:

Envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, 1990, p. 53).

Deste modo, a construção da memória pública se dá através da junção entre a memória coletiva e a individual, pois a memória de um fato ou acontecimento é interpretada e gravada individualmente, de acordo com as concepções de cada indivíduo, que registra e repassa a informação de acordo com a sua concepção. A memória parte de um presente, um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais. (BOSI, 2003, p. 20) Sendo assim, a memória é como uma colcha de retalhos, fragmentada e combinada através da consciência individual de cada um, mas que, quando analisada como um todo, ganha um significado coletivo, mantendo vivo um fragmento cultural e histórico, alheio ao tempo e ao espaço, preservado na memória do indivíduo. A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, contado pela cultura e pelo indivíduo. (BOSI, 2003, p. 53).

Neste contexto de memória coletiva e social, é importante ressaltar a importância da escrita, que registra no papel os acontecimentos, diferente da memória individual que registra no indivíduo a vivência dos fatos ou a tarefa de passá-los adiante. Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana (LE GOFF, 1996, p. 427). Manter uma memória viva para uma sociedade sem escrita é utilizar as variáveis da oralidade para preservar e despertar em outros indivíduos o desejo de manter viva aquela memória. No entanto, a oralidade por si só não permanece no tempo, ela não pode ser registrada e, com o passar dos anos, os fatos vão se modificando ou se perdendo. Já as sociedades que possuem a escrita, a usam para preservar sua história, mas acabam se esquecendo da importância da oralidade na difusão e manutenção do conhecimento.

A escrita enquanto memória possui duas funções principais: uma é o

armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro; a outra reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas. (LE GOFF, 1996, p. 433).

No entanto, a memória escrita não se refere unicamente aos documentos, mas também a escrita cotidiana que registra momentos ou informações das mais variadas. Deste modo, a escrita é uma forma de registro da presença do indivíduo e de uma consciência individual acessada por uma coletividade. Sendo assim, a memória funciona como uma forma de expressão cultural, que pode ser preservada das mais variadas maneiras, seja através da oralidade, da escrita, das tradições ou monumentos.

Portanto, compreender a inter-relação entre a cultura, o patrimônio e a memória é uma forma de compreender como a sociedade se modifica, mas, acima de tudo, é importante compreender que o patrimônio faz parte das expressões culturais e que preservá-lo é um modo de manter viva uma memória individual e coletiva que constrói uma identidade nacional e cultural.

3 FESTA: REPRESENTAÇÃO DE CULTURA E MEMÓRIA

A Congada é uma celebração realizada para homenagear São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Na cidade da Lapa, no Paraná, a festa é uma forma de homenagear São Benedito, Santo de origem humilde que cativou a fé dos escravos brasileiros.

A Congada da Lapa relembra o belo exemplo de vida, a de São Benedito, trazendo-o como protagonista do auto. São Benedito nascido na Itália conquistou primeiramente o coração das populações simples da Sicília, em virtude dos milagres e graças que distribuía ainda em vida. Sua devoção

foi trazida para o Brasil antes mesmo de sua beatificação, pela ordem dos franciscanos visando o incremento do catolicismo devocional entre os pobres e escravizados, garantindo um patrono aos negros deportados (DELL’AIRA, 1999 *apud* SILVA, 2008, p. 18).

A Congada é um misto de religiosidade e cultura popular, transmitida de geração em geração pelas famílias que participam da encenação. Tal festa se origina no Brasil Colônia, “a primeira manifestação de Congada registrada por escrito no Brasil foi localizada no Recife em 1674” (CEZAR, 2008, p. 2). Para compreender melhor a formação desta celebração é necessário conhecer um pouco sobre o ideário da festa, como ela se manifesta e como ela se insere na sociedade brasileira.

As festas brasileiras têm como características uma grande diversidade cultural, devido à própria formação da população que compõe o país, a variedade de etnias, culturas e tradições conferem às festividades uma grande legado histórico.

Nas festas, as trocas culturais sob suas inúmeras facetas, acontecem em diferentes sentidos. Aparecem na arte, na estética, na música, na religião, o que facilitará as relações pelo contato na festa, em que os aspectos mais fortes das culturas parece surgirem de modo mais denso, e o mútuo conhecimento permite a apreensão e a escolha de novos modos de viver (LOPES, 2006. p. 7).

A festa é o momento em que os membros de uma determinada comunidade interagem, deixando de lado a diferença entre as classes sociais, é o momento em que ocorre uma aproximação do indivíduo, onde o todo coletivo se integra ao individual e o contato entre os indivíduos se torna fácil (SOUZA, 1987).

A festa é uma viagem: vai-se a ela e ali se transita entre seus lugares. Por isso o desfile, o cortejo, a procissão, a folia e tudo o mais que possibilite fazer deslocar, entre as pessoas e pelos lugares que a própria festa simbolicamente reescreve e redefine: sujeitos, cerimoniais e símbolos (BRANDÃO, 1989, p. 13).

Esta viagem possibilita a integração entre indivíduos e, ao mesmo tempo, faz com que novos modos de festejar sejam criados e recriados, pois as somas entre o individual e o coletivo constroem e atribuem novos significados aos signos já existentes na festa. No momento em que o sujeito viaja dentro da festa, ele interage com novas culturas e modos de pensar, assimilando novos conhecimentos. Assim, as festas são instrumentos poderosos de interação social, pois o indivíduo penetra dentro de outra cultura, e por mais que não a assimile de imediato, ele sempre leva consigo alguns traços ocultos daquilo que viu, ouviu e aprendeu na festa.

As comemorações religiosas são as que mais permitem uma integração entre os indivíduos, devido ao espírito de confraternização, característico desta forma de comemoração.

Convém ressaltar que a celebração não se dá somente no momento da festa, e sim em todo o esforço e dedicação necessários para a sua preparação, portanto, ocorre todo um ritual que antecede a apresentação pública. Este ritual se caracteriza pela união da comunidade que prepara a celebração que faz parte da cultura e do imaginário da população local. “O imaginário coletivo social é um conjunto de representações de imagens e maneiras de pensar que atuam como memória efetiva e social de uma determinada cultura, resultado das mediações entre o real e a memória” (SILVA, 2008, p. 31). Ocorre então a integração entre as crenças atuais e a memória de um passado coberto de mitos e rituais que lembram a história de uma nação.

A riqueza do programa festivo assume múltiplos coloridos, desde a amplitude de um ritual anual preparatório para a semana festiva até os modestos esforços dos devotos para festejar ainda que pobremente o Divino. São variações do comportamento popular quando, sendo o fervor religioso o mesmo, variam os festejos segundo as possibilidades econômicas da comunidade. A devoção é permanente para festejos desiguais, mas constantes (ETZEL, 1995 apud LOPES, 2006, p. 8).

No contexto da preparação do ritual existe toda uma simbologia que permeia os objetos que fazem parte da encenação. Esta simbologia está ligada à cultura da qual descende a festa, a esta simbologia também são agregados valores comunitários e cotidianos, que fazem parte do tempo presente de cada indivíduo, que vive e sente a festa a seu modo. Portanto, a simbologia faz parte da experiência de vida de cada indivíduo e como ele preserva suas raízes.

Durand assinala o dinamismo do imaginário, conferindo-lhe uma realidade e uma essência própria. Em princípio, o pensamento lógico não está separado da imagem. A imagem será portadora de um sentido cativo da significação imaginária, um sentido figurado, constituindo um signo intrinsecamente motivado, ou seja, um símbolo. O simbolismo é cronológica e antologicamente anterior a qualquer significância áudio-visual: a sua estruturação está na raiz de qualquer pensamento. E mais, o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo. (Durand 2001 apud SILVA, 2008, p. 32).

Portanto, a simbologia presente no cotidiano da comunidade é uma forma de manifestar uma identidade pessoal, rica em tradições e saberes populares. Esta simbologia cultural que se expressa através do indivíduo faz referência ao modo como ele interage com o ambiente a sua volta, como

ele resiste às mudanças e aos avanços sociais. Essa resistência, no entanto, muitas vezes torna-se obsoleta, pois embora o indivíduo tente manter uma tradição ele não o fará sem o auxílio de outros, sem a coletividade a tradição não tem significado e cai no esquecimento (SANTOS, 1994).

Dentro da tradição o coletivo representa a formação da sociedade, que constrói suas convenções fundamentadas no conhecimento; deste modo a organização cultural apresenta uma formulação própria na qual se inclui o indivíduo como formador de opinião e criador de valores. Sendo assim, a criação de novos valores ocorre a partir do momento em que se rompem as barreiras do passado. Neste instante o velho dá lugar ao novo e o velho torna-se um objeto a ser preservado na memória do indivíduo (SANTOS, 1994; SOUZA, 1987).

Neste conjunto de individualidade e coletividade, a Congada representa a tentativa da coletividade em manter a tradição da comemoração em homenagem a São Benedito. Busca-se preservar a simbologia do mito que representa a multiplicidade cultural da festa presente na dança, na música e na indumentária utilizadas pelos congadeiros.

Dentro deste contexto, Souza (1987) faz referência à indumentária como uma forma de expressão, onde o exotismo torna-se sedutor e faz com que a posse de um objeto que não pertence a um determinado meio seja um modo de agregar valor à individualidade, possibilitando a diferenciação perante o coletivo.

A partir daí, se entende por que, nas festas, mesmo quando não são empregados símbolos formalmente reconhecidos como sagrados, podem-se atingir níveis místicos, vivências de totalidade. Aí são expressas dimensões abrangentes: aspirações, temores, vitórias, conflitos, utopias. O ritual realiza uma síntese religiosa em que o grupo se harmoniza com o ambiente e com a própria história em formas globalizantes de misticismo e erotismo (RIBEIRO JÚNIOR, 1982, p. 32).

De certa forma, a festa é o momento em que o indivíduo tem maior liberdade para se manifestar e se expressar. Esta expressão pessoal está presente na dança, na música, no modo de falar e se comportar perante os participantes da festa. “E mesmo a partir do que acontece com a própria pessoa individual, quando ela se festeja, que emerge clara a ideia tão antiga e atual de que a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem” (BRANDÃO, 1989, p. 8). Neste processo de expressão o indivíduo dá vida a uma série de rituais, ele passa uma mensagem através do modo como se comporta no ambiente festivo.

As festividades são partes integrantes da vida social, servem como lazer, distração, comemoração e, acima de tudo, como uma forma de se aproximar dos sujeitos, pois barreiras são quebradas possibilitando novas oportunidades de interação.

Acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo, que geralmente observam frequência cíclica ou sazonal; que produzem uma ruptura com a rotina seqüente da vida social; que criam comportamentos, sobretudo rituais, logo expressivos, e relações interativas de forma e efeito diverso dos de períodos longos de rotina (RIBEIRO JÚNIOR, 1982, p. 29).

Para manter viva uma tradição é preciso passá-la a outras gerações, mantendo-a no cotidiano; “o revivamento da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo”. Para isso é necessário “que não deixe de rememorar, ir à busca das raízes, das origens, do âmago da sua história”. (LE GOFF, 1996, p. 420).

Os indivíduos que participam das festas sempre somam a elas características diferentes, o que as faz transformar com a agregação de

novos elementos, onde as preferências e gostos individuais se sobressaem e despertam novas formas de ver a festa e interpretar seus símbolos e significados.

A ‘parte profana’ da festa é tão indispensável quanto às outras. Não é errado, portanto, dizer-se que a festa é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão. Bailes e forrós, pagodes antigos e danças de catira ou jungo concorrem com as apresentações mais modernas de ‘shows sertanejos’ e rodeios, com escolhas de Rainha da Festa. (BRANDÃO, 1989, p. 13).

Neste contexto, a mistura de elementos na festa e a própria reinvenção da mesma fazem parte do cotidiano do indivíduo, que se vê preso entre a festa tradicional e a moderna. No entanto, nas festas tradicionais esses sujeitos são capazes de trabalhar diversos elementos em harmonia, combinando tradição e inovação, cativando e criando novos vínculos com o sujeito integrante, que nela expressa a mensagem da cultura ancestral e tradicional e também sua individualidade através da música e da dança.

Pode-se dizer que o indivíduo é detentor e construtor das ideologias culturais que fazem parte da construção dos valores sociais. Portanto, modificações e transformações culturais são comuns e continuaram a existir, pois quanto mais o indivíduo se transforma, mais comum será o processo de apropriação de novos ideais (ROSA; PIMENTEL; QUEIRÓS, 2002).

Com o processo de mudanças culturais torna-se difícil manter tradições intocáveis, uma vez que os indivíduos se modificam com o passar do tempo, perdem o interesse em manter vivas manifestações populares, que muitas vezes passam a ser vistas como atrasadas e não adequadas com as manifestações sociais atuais.

É o caso da Congada que, além de ser uma festa religiosa, é também uma forma de expressão da cultura popular e do folclore. Manifestações de origem africana e portuguesa se misturam a vários elementos da cultura brasileira. Devido a essa diversidade de elementos, tal celebração sofre uma série de variações de acordo com o local em que é encenada.

Essa diversidade de informações que faz parte da Congada permite compreender aspectos da cultura popular e do ato folclórico, pois esse tipo de festa se constrói através da tradição e memória da comunidade. Arantes (1981, p. 8) refere-se à cultura popular como “concebida por contraste ao termo genérico cultura em seu uso corrente e, por outro, como suporte de uma idealização romântica da tradição, que é uma perspectiva freqüentemente encontrada nas teorias de muitos folcloristas”.

Mesmo que a cultura popular seja considerada o oposto da cultura erudita, ambas sofrem influências das mudanças que ocorrem na sociedade; assim, é praticamente impossível manter uma tradição absolutamente estática, pois, se o indivíduo muda, os seus modos de pensar e de fazer também mudam, assim como as suas formas de preservar as tradições, que acabam por ter novos elementos incorporados com o passar do tempo.

A cultura é um processo dinâmico; transformações (positivas) ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir a sua “deterioração”. É possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos (ARANTES, 1981, p. 22).

Se a cultura e seus signos se modificam com o passar do tempo, é preciso vê-la com um conjunto de elementos que se combinam e recombinaem formam uma linguagem própria. Linguagem que não deve ser observada como um todo isolado, pois se retirarmos um objeto de seu contexto

ele perde completamente o significado simbólico que possui quando está dentro de sua realidade cultural. Arantes (1981, p. 51) vê a relação entre a cultura e signos como:

A cultura se constitui de signos e símbolos; ela é convencional, arbitrária e estruturada. O significado é resultante da articulação, em contextos específicos, e na ação social, de conjuntos de símbolos e signos que integram sistemas. Os eventos culturais não são “coisas” (objetos materiais), mas produtos significantes da atividade social de homens determinados, cujas condições históricas de produção, reprodução e transformação devem ser desvendadas. (ARANTES, 1981, p. 51).

Se a cultura é um produto da atividade cultural humana, então sua variação é uma forma de expressão do cotidiano, que se modifica a cada dia, onde o ato individual assume um caráter coletivo, pois o contato e o relacionamento entre os indivíduos são constantemente recriados dentro de uma ordenação regida pelas normas sociais, que, aparentemente, se mantêm estáticas, alienadas ao processo de recriação pelo indivíduo, que procura sua própria identidade, seu papel anônimo dentro da sociedade.

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isso é, ser para o outro – implica a diferenciação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do outro de onde ela vem (BHABHA, 1998, p. 77).

Dentro da cultura popular não existe apenas a cultura como um todo, expressa como forma totalitária de agrupamento de indivíduos que a

querem manter viva, mas existe também o sujeito que procura dentro dela o seu papel, a sua função dentro do contexto das origens de sua tradição de sua existência, que faz disso a forma de expressar seus desejos e anseios. Neste entremeio onde existe a cultura erudita, aliada à inovação e tecnologia, permanece também a cultura popular com seus saberes e modos de fazer. Neste meio o indivíduo convive com ambas, em uma constante luta para manter suas raízes e se adaptar aos novos meios.

Este intercâmbio entre os dois meios culturais traz ao indivíduo uma experiência única, que o faz se desenvolver e construir seu eu. Neste sentido, Bhabha vê a questão da diversidade cultural e do intercâmbio do seguinte modo:

A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados, mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou de cultura da humanidade. A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical de separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. A diversidade cultural pode inclusive emergir como um sistema de articulação e intercâmbio de signos culturais (BHABHA, 1998, p. 63).

A diversidade cultural não se refere somente à variedade de culturas e seus valores, bem como à forma como elas se relacionam e são capazes de trocar informações entre si. Esta troca se dá através do sujeito que, quando entra em contato com outra cultura, assimila de alguma forma alguns de seus valores. “Os significados culturais não são compreendidos através da contemplação passiva do objeto significante, mas com referência ao universo de significados próprio de cada grupo social” (ARANTES, 1981, p. 32).

Dentro deste processo de significação existe a marca da tradição aliada à valorização de crenças e saberes, esta valorização do próprio sujeito que resgata através da memória e da vivência cotidiana os significados da cultura popular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de cultura, memória e patrimônio auxiliam na compreensão dos valores culturais e de como os indivíduos constroem suas tradições através do processo de resgate da memória, ou seja, a tentativa de manter viva uma tradição que expressa o modo de viver e pensar de um povo.

Os conceitos apresentados no início deste trabalho devem ser vistos como elementos que auxiliam no processo de construção de identidade e manutenção de crenças, visto que a memória e seus esquecimentos criam ritos particulares, bem como a cultura, dinâmica, que agrega valores com o passar do tempo. Novos indivíduos com novas memórias e formas de ver o mundo a sua volta trazem novos significados à encenação, a tradição se mantém, mas o contexto e seus significados mudam, pois a cada geração novos valores serão incorporados e rememorados.

A Congada da Lapa é um exemplo de diversidade cultura e do processo de resgate e manutenção da tradição através da memória. Tradição esta que se torna patrimônio cultural por expressar os saberes e modos de festejar de uma comunidade. Tal comunidade busca resgatar/construir constantemente seu passado através das origens da própria festa e da fé em São Benedito.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 11. ed.. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na Rua**. São Paulo, SP: Papirus, 1989.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo, SP: Ateliê editorial, 2003.

CEZAR, Lilian Sagio. **A utilização de conjuntos de imagens fotográficas no jornalismo enquanto uma das formas de representação da Congada nos media: um estudo de caso**. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/17/04.html?studium=index.html>> Acesso em: 15 dez. 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda**. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ/MinC; Iphan, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1996.

LOPES, Mônica de Souza. Das origens da festa à brasileira. **R. Cient./FAP**, Curitiba, v. 1, p. 1-10, jan./dez. 2006. Disponível em:<http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica1/MONICA_DE_SOUZA_LOPES.PDF>. Acesso em: 15 dez. 2008.

RIBEIRO JÚNIOR, José Cláudio Noel. **A festa do Povo: pedagogia e resistência**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1982.

ROSA, Maria Cristina; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; QUEIRÓS, Ilse Lorena V. B. G.. **Festas, Lazer e Cultura**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14. ed.. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

SILVA, Wagner Aparecida da. **Viva rei, viva rainha, viva também seu capitão**. A família do congado em Conselheiro Lafaiete MG. 2008. Disponível em:<http://mx.mackenzie.com.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=900>. Acesso em: 15 dez. 2008.

SOUZA, Gilda de Melo. **O espírito das roupas: a moda no século XIX**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 1987.

Recebido em: 20 Março 2010

Aceito em: 23 Agosto 2011

